

Interpretando perfis resultantes de estudos quantitativos: polêmicas e respostas

(Interpreting profiles resulting from quantitative studies: controversies and answers)

Elaine Chaves¹

¹ Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) – Brasil/ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

elainechav@hotmail.com

Abstract: Studies developed in the 1980s and 1990s have been criticized for making predictions about the speech based on the writing (OLIVEIRA, 2005), for drawing conclusions about change from the comparison between writing and speech (CASTRO, 1996), and also for not giving equal treatment to Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP) (CASTRO, 1996). Considering these criticisms, we established a set of criteria that guided the data selection and contributed to the interpretation of a phenomenon that has been identified as typical of BP: the use of prepositions [a] and [para] in cliticizing verb complements. The results show, pertinent criticism notwithstanding, that the studies from the 1980s and 1990s are an important basis for the interpretation of linguistic phenomena characteristic of the Brazilian Portuguese.

Keywords: linguistic change; preposition; sociolinguistics.

Resumo: Os estudos desenvolvidos na década de 1980 e 1990 foram alvo de críticas por fazerem predições sobre a fala a partir da escrita (OLIVEIRA, 2005); por extraírem conclusões sobre mudança a partir da comparação entre escrita e fala (CASTRO, 1996); e por não darem tratamento equânime ao Português Brasileiro e ao Português Europeu (CASTRO, 1996). Levando em conta essas críticas, constituiu-se um conjunto de critérios que nortearam a seleção de dados e contribuíram para a interpretação de um fenômeno que vem sendo identificado como típico do PB: o uso das preposições [a] e [para] em complementos verbais cliticizáveis. Os resultados obtidos mostram que, embora as críticas sejam pertinentes, os trabalhos da década de 1980 e 1990 constituem base importante para a interpretação de fenômenos linguísticos característicos do Português Brasileiro.

Palavras-chave: mudança linguística; preposições; sociolinguística.

Introdução

Muitos dos estudos desenvolvidos na década de 1980 e 1990 identificaram o final do século XIX como o momento em que a gramática do Português Brasileiro (PB) se manifesta.¹ No entanto, a observação de um vasto número de fenômenos implementados em um mesmo momento, apresentando encaixamento linguístico, como mostrou Tarallo (1989, 1993), não eximiu muitos desses trabalhos de receberem críticas quanto à metodologia utilizada para se chegar a essa datação. Tratou-se mais especificamente de três delas:

- (1) Fazer predições sobre a fala a partir da escrita (OLIVEIRA, 2005);
- (2) Extrair conclusões sobre mudança a partir da comparação entre escrita e fala (CASTRO, 1996; OLIVEIRA, 2005);
- (3) Não dar tratamento equânime ao PB e Português Europeu (PE) (CASTRO, 1996).

¹ Dentre outros, Berlinck (1988, 1989), Duarte (1992), Ramos (1889, 1992), Tarallo (1983, 1985, 1993).

Tarallo (1993) está sendo utilizado aqui não só pelo fato de os fenômenos retomados pelo autor estarem relacionados ao uso das preposições [a] e [para] em complementos verbais cliticizáveis, mas também por ser um exemplar desses trabalhos criticados. No seu artigo intitulado “Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além mar ao final do século XIX” o autor utiliza-se de cinco estudos – Tarallo (1983, 1985), Berlinck (1989), Ramos (1989) e Duarte (1992) – para mostrar a existência de duas gramáticas distintas: a do PB e a do PE. Embora seja fato que o autor não apresente gráficos para os dados do PE para que se possam comparar as diferenças entre as duas variedades da língua portuguesa,² os estudos sobre o PB retomados por ele representam a produção do período.

Será descrito um fenômeno identificado como típico do PB e que se encontra em encaixamento linguístico com os estudos retomados por Tarallo (1993): a diminuição do uso da preposição [a] em complementos verbais cliticizáveis em detrimento de um aumento no uso das preposições [para] e [em].

A este trabalho caberá o confronto dessas polêmicas por meio da adoção de novas diretrizes e da ampliação dos critérios utilizados para a composição de *corpora* simétricos. A amostra foi composta por cartas pessoais manuscritas, da segunda metade do século XVIII até a segunda metade do século XIX. Está dividida em dois grupos: cartas escritas por brasileiros e cartas escritas por portugueses.

Polêmicas

A seguir, discorre-se sobre as três polêmicas citadas na introdução com o objetivo de justificar as escolhas metodológicas adotadas, no que tange à composição dos *corpora*.

Fazer predições sobre a fala a partir da escrita

Marco Antonio Oliveira (2005), em seu artigo “Nem tudo que reluz é ouro: língua escrita e mudança linguística”, chama atenção para o problema de se fazerem predições sobre a fala a partir da escrita.

Observa que, nos diferentes níveis descritivos, “nem tudo que se escreve se fala” (OLIVEIRA, 2005, p. 4) e que a esse fato está atrelada a questão de a escrita possuir normas próprias que não são as mesmas que regem a fala. Isso garante, por exemplo, que determinados usos típicos da fala não possam ser encontrados em documentos cartoriais por serem amplamente *formulaicos*. Na mesma medida, não se encontram na fala usos típicos desses tipos de textos. Porém, existem muitos usos linguísticos que são encontrados nas duas modalidades.

Para defender seu posicionamento, Oliveira (2005) observa a ordem dos constituintes da oração em textos escritos do Português Arcaico, considerando: (i) a frequência de uso das ordens VOS, OSV, SVO, VSO, OVS e SOV; (ii) o estilo de escrita do autor; e (iii) a não manutenção ou a manutenção em contextos específicos das ordens VOS e OVS.

² Tarallo apresenta apenas resultados dos estudos de Galves (1990, 1992) e Ambar (1987) como ponto de comparação entre o PB e o PE.

Em (i), mostra que, embora tenham sido encontradas seis diferentes ordens, apenas quatro delas ocorrem na fala. Foram encontradas 4.2% de ocorrências de VOS, 3.1% de OSV, 59.1% de SVO, 11.7% de VSO, 10.8% de OVS e 10.8% de SOV. Essas frequências indicam que as ordens VOS e OSV destoam das outras. Atribui esse perfil ao fato de a maioria dos casos de OSV ser com presença de clítico e ser impossível, na língua falada, o uso de clítico na primeira posição.

Em (ii), observando as ocorrências de VOS e OSV em cada um dos textos, considerou que ambas as ordens parecem realmente estar associadas ao estilo do autor, já que todas as outras quatro ocorrem em todos os textos e apenas as duas não. Esse fato pode caracterizá-las como um recurso da língua escrita.

Em (iii), deixa evidente que a forma VOS não foi mantida em nenhuma variedade da língua portuguesa e a forma OVS ocorre apenas em contextos de topicalização do tipo: “Pizza, eu como”.³

Assim, foi possível ao autor concluir que:

[...] não podemos afirmar, sem maiores cuidados, que o português arcaico tinha seis ordens envolvendo os constituintes S, V e O. O que tinha seis ordens possíveis eram os textos escritos produzidos no período do português arcaico, mas não o português falado neste período. (OLIVEIRA, 2005, p. 12)

Extraír conclusões sobre mudança a partir da comparação entre escrita e fala

Nos trabalhos em diacronia desenvolvidos aos moldes da Sociolinguística, é comum identificar-se um fenômeno em mudança na fala contemporânea e observá-lo no tempo. No entanto, ao usar essa estratégia, não se devem estabelecer comparações entre os usos do passado e o do presente, por se tratarem de amostras de modalidades distintas, fala/escrita. Isso quer dizer que, no momento da análise quantitativa, a quantificação dos dados de fala não pode ser considerada como equivalente à quantificação dos dados de escrita.

Em Tarallo (1991, 1993), os dados representativos dos séculos XVIII e XIX são extraídos de textos escritos e os dados representativos do século XX são extraídos de textos falados. Ao adotar essa perspectiva de análise, podem ter sido ignoradas as idiosincrasias da escrita e a relação estabelecida entre fenômenos que migraram da fala para a escrita e fenômenos que são típicos da escrita propriamente dita, como colocaram Castro (1996) e Oliveira (2005). Para os autores, essa opção metodológica é capaz de permitir interpretações equívocas.

Ausência de tratamento equânime ao PB e PE

A principal crítica de Ivo Castro (1996) aos estudos linguísticos que se dedicam a períodos passados da língua pesa sobre o maior desenvolvimento dos estudos medievalistas em relação aos estudos classicistas. Tal fato propicia um descompasso entre usos linguísticos e normas de uso nas sincronias observadas.

³ Exemplo retirado do autor, p. 10.

Castro (1996, p. 5-6) aponta para a necessidade de se comporem amostras niveladas quanto ao modo de seleção, ao registro e à natureza das fontes antes de serem comparadas, uma vez que, em trabalhos como Tarallo (1990), quando as comparações entre PB e PE são estabelecidas, são feitas “de modo um tanto aleatório, com gramáticas estranhas ou genealogicamente remotas”. É o que o autor chamou de “o nosso extenso desconhecimento relativamente à língua que se falava, que se pensava e se escrevia em Portugal e no Brasil nos séculos mais próximos de nós” (CASTRO, 1996, p. 6). A língua do século XVIII e XIX vem sendo tratada como contemporânea ou com o distanciamento característico de períodos mais antigos. Ainda ressalta a existência de “um certo *deficit* filológico no que toca às técnicas de transcrição de texto” (CASTRO, 1996, p. 13).⁴ Subentende-se dessa crítica a necessidade do estabelecimento de um método para se tratar esse período.

Metodologia

As três polêmicas relacionadas acima surgem em decorrência de alguns pressupostos assumidos pelos autores criticados: (i) os dados do século XVIII, descritos nas análises quantitativas, retratavam o PE. Portanto, as diferenças entre XVIII e XIX retratam diferenças entre PE e PB, e, por isso, podem ser interpretadas como surgimento do PB; (ii) uma vez que os dados do século XVIII retratam a gramática do PE, então os textos escritos que alimentaram as análises quantitativas seriam ambos amostras legítimas do PE; e (iii) a gramática do PE, durante todo o século XIX, se manteve sem alterações em relação às construções sintáticas investigadas. Por isso, as diferenças apresentadas nos gráficos são diferenças que se operaram na gramática do PB.

Os pressupostos (i), (ii) e (iii) foram, nos últimos anos, objeto de intensa discussão no âmbito do *Projeto Para a História do Português Brasileiro* (PHPB), projeto coordenado por Ataliba Castilho (Universidade de São Paulo – USP/Universidade Estadual de Campinas – Unicamp). Alguns resultados desses questionamentos podem ser enumerados: (a) reconheceu-se a necessidade de distinguir textos escritos por brasileiros e textos escritos por portugueses, de modo a formar *corpora* distintos; (b) reconheceu-se a necessidade de se trabalhar com manuscritos, editados semidiplomaticamente, de modo a se obter *corpora* mais confiáveis; e (c) reconheceu-se, também, a legitimidade de se analisar textos publicados em jornais do século XIX, atentando-se para diferenças geográficas e também para diferenças de gênero, de modo a compor amostras mais simétricas.

Essas três constatações foram transformadas em reorientações metodológicas e assumidas, neste trabalho, de forma mais detalhada. Utilizaram-se amostras compostas por cartas pessoais por ser um tipo textual mais próximo do vernáculo manifestado.⁵

⁴ Neste caso, refere-se ao trabalho de Roger Bismut (2001).

⁵ Inúmeros trabalhos publicados pelo projeto Para a História do Português Brasileiro trazem argumentos irrefutáveis sobre o quanto as cartas pessoais podem se aproximar do vernáculo. Além disso, estamos entendendo cartas pessoais conforme a definição de Silva (1988, p. 24) “correspondências entre pessoas que mantêm entre si um relacionamento estreito – parentes próximos, amigos íntimos. Trata-se de uma forma de comunicação eminentemente pessoal, distinguindo-se das cartas comerciais, das cartas de propaganda, de correspondência dirigida a seções de jornais ou revistas, etc.”. Por se aproximar da oralidade, as cartas pessoais fazem parte do gênero discursivo mais utilizado em estudos diacrônicos (PESSOA, 2002, p. 197). Embora seja o mais utilizado, não é o único. Os textos teatrais também vêm

Um trabalho que busca desenvolver estudo comparativo de duas variedades da língua portuguesa com o intuito de testar recursos metodológicos capazes de auxiliar na identificação de gramáticas distintas prescinde de amostras capazes de oferecer subsídios /para atender a cada uma dessas expectativas. Porém, todo linguista sabe o quanto o trabalho de constituição de amostra pode enveredar por caminhos sinuosos.

Nessa medida, compor amostras representativas de uma língua significa aplicar critérios visando a preencher lacunas deixadas pelas idiossincrasias das fontes. Esses cuidados também fazem parte daquilo que Labov (1994, p. 11) chamou de fazer “bom uso de maus dados”.

Para essa investigação, será necessário analisar dados linguísticos recolhidos de acordo com quatro critérios: (i) os escreventes têm que ser identificados como brasileiros e portugueses; (ii) os dados devem ser provenientes de amostras capazes de retratar o vernáculo das duas variedades da língua portuguesa aqui estudadas, o PB e o PE; (iii) as amostras têm que ser composta por documentos dos séculos XVIII e XIX; (iv) essas amostras devem ser simétricas.

No critério (i) considera-se que, de acordo com a metodologia sociolinguística, saber o perfil do informante é uma condição para a utilização de uma amostra formada por dados de língua falada e também de língua escrita. Devido ao caráter do estudo, são necessários dois *corpora*, um com cartas escritas só por brasileiros e outro com cartas escritas só por portugueses. Utilizaram-se quatro estratégias: (a) coletaram-se informações encontradas nas próprias correspondências utilizadas; (b) consultaram-se livros de genealogia do Cônego Trindade (1951, 1955); (c) buscaram-se informações em arquivos notariais; e (d) foram confrontadas informações com o contexto social e econômico apresentado por Almeida (2010). Para confirmar essas informações também se observou a cidade de Ouro Preto em seu contexto social, político e econômico, nos séculos XVIII e XIX.

O critério (ii) se justifica por serem necessários gráficos representativos de ambas as variedades, possibilitando-se um estudo comparativo real. O não cumprimento desse critério permitiria o apontamento de lacunas por estar-se assumindo que o PE, nesse período, apresentaria constância e a variação se manifestaria no PB, como ocorreu em Tarallo (1993).

O critério (iii) se justifica por meio da afirmativa feita por Tarallo, de que a pena brasileira só pode escorrer a própria tinta na virada do século XIX, mas que possivelmente as diferenças entre as duas variedades já ocorriam em períodos anteriores. E por Galves (2010), Ribeiro (1998), Coelho e Paula (2011), entre outros autores, afirmarem que a gramática do PB se manifesta no final do século XVIII.

sendo utilizado para a obtenção do vernáculo. No entanto, apesar de concordarmos que a imitação da fala seja um recurso presente em peças teatrais, a utilização de peças teatrais dos séculos XVIII e XIX requer uma série de cuidados, pois um grande número de peças desse período não retrata o momento no qual foram escritas. Falamos de períodos anteriores. Para usar dados com essa característica, é necessário separar dados que podem ser interpretados como representativo da fala do período dos dados representativos de períodos anteriores. Além disso, não temos como estabelecer a correlação entre o que foi escrito para ser dito e o que realmente foi dito, como é possível em estudos contemporâneos como o desenvolvido por Duarte (2012).

O critério (iv), simetria das amostras, se justifica pela necessidade de haver amostras comparáveis das duas variedades. Tem-se como propósito verificar se a escrita brasileira se aproxima do PB falado hoje ou da norma escrita no PE.

Foram selecionadas cartas escritas por moradores da região de Mariana e Ouro Preto, no Brasil, e por moradores de Lisboa, em Portugal, que pudessem ter a nacionalidade definida e que fossem socialmente identificados, em três períodos de tempo: 1750-1799, 1800-1849 e 1850-1899.⁶

O tamanho dos *corpora* foi medido por número de palavras e, devido à pouca oferta de cartas pessoais que se enquadre nos critérios aqui utilizados, o número de palavras foi determinado pela amostra que fosse menor. Assim, cada uma das sincronias observadas conta com um montante de 8.000 palavras.

A análise dos dados

Para este trabalho, optou-se por observar o processo de substituição da preposição [a] pela preposição [para] nos complementos verbais cliticizáveis.⁷ Elegeu-se, portanto, os complementos dativos, monoargumentais e diargumentais, como complementos verbais preposicionados cliticizáveis. Os resultados apresentados a seguir correspondem a uma reinterpretação dos dados apresentados em Chaves (2013).

A razão para observarem-se complementos verbais cliticizáveis está no fato de ser esta a característica que permite a relação com os fenômenos estudados por Tarallo (1993) e por ser a mudança ocorrida nos clíticos, no PB, desencadeadora da mudança no uso de preposições, como observa Ramos (1992) ao constatar que não havia alteração no papel temático atribuído ao sintagma nominal (SN), e que, em ambos os casos, os SNs são substituíveis por clítico acusativo.

Ramos (1992) observa diacronicamente o perfil da mudança e encontra como resultado a diminuição do uso da variante [+a] em complementos verbais acusativos no último quartel do século XIX. Esse é mesmo o perfil observado para o enrijecimento da ordem SVO (BERLINCK, 1988, 1989), para a ampliação do uso de objeto nulo (BERLINCK, 1989), para a perda de clítico de 3ª pessoa (DUARTE, 1986), entre outros fenômenos sintáticos. A ampliação do uso do objeto nulo vem sendo interpretada como a mudança paramétrica que desencadeou a mudança em outros fenômenos do sistema linguístico (RAMOS, 1989; TARALLO, 1993). Ainda, Ramos relaciona a queda dos clíticos no PB ao aumento do uso do [para] em dativos e a diminuição do uso do [a].

Labov (1982), ao afirmar que as forças que atuam na língua hoje atuaram no passado, propiciou aos estudos sociolinguísticos a possibilidade de usar o presente para explicar o passado. No entanto, apontamentos como os de Castro (1996) e Ribeiro (1998) nos direcionam para a necessidade de se conhecerem a norma e o uso do fenômeno inves-

⁶ Essas cartas foram recolhidas basicamente em quatro acervos: 1) cartas brasileiras pertencentes ao Fundo Barão de Camargos; 2) cartas brasileiras pertencentes ao acervo do Arquivo Histórico Monsenhor Horta; 3) cartas portuguesas pertencentes ao acervo do Projeto Fly/Cards; e 4) cartas portuguesas pertencentes ao acervo do projeto Tycho Brahe.

⁷ Todos os dados qualitativos e quantitativos aqui utilizados retratam uma versão atualizada de Chaves (2013).

tigado no recorte estabelecido, a fim de não se fazerem comparações anacrônicas entre presente e passado. Somente será possível observar a variação em períodos sincrônicos se for sabido como os fenômenos sintáticos são usados nas sincronias.

O detalhamento prescritivo do uso das preposições observadas em gramáticas portuguesas dos séculos XVIII e XIX torna-se, nesse sentido, indispensável. No caso do PB, dedicar-se-á às gramáticas do século XIX, uma vez que é apenas a partir desse período que as gramáticas são publicadas aqui no Brasil.

Segundo Lobato (1770), quando os verbos indicam lugar ou apresentam complementos dativos, devem ser regidos pela preposição [a] expressa ou oculta. O dativo ocorre geralmente em verbos como: declarar, entregar, servir, obedecer, antepor, pospor, lisonjear, agradar, aplicar, etc.

Já no século XIX, quando houver complemento terminativo (ou indireto), podem ser usadas as preposições [a] e [para] (OLIVEIRA, 1880). Nas cartas pessoais do século XIX, os casos em que a preposição [para] foi encontrada eram de complemento terminativo (indireto), como prescrito pela norma.

Nos dados encontrados nas cartas pessoais do PE dos séculos XVIII e XIX, encontra-se uma reprodução das normas encontradas nas gramáticas. Nos dados do século XVIII, encontra-se majoritariamente o uso da preposição [a] em complementos de verbos dativos.

- (4) Como minhas proprias dou parte a vm^{Ce}. em Como o seu grendo aquy me esCreveo hesa Carta.
- (5) Com isto não quero ser mais empertuna peCo a vm^{Ce}. q. a Carta do prezo q. veyo pa. mym me a torne a remeter não sou mais estenCa sua filha pede a benCoa.
- (6) [...] verás se vão ao teo gosto, a meia dúzia de botens, as meias irão em outra ocasião, não vão porq. agora porq. mandei ao Morão a carta;

No caso do PB, no século XIX, encontram-se em Albuquerque (1874) as mesmas regras que foram apresentadas para o PE nesse mesmo período, a saber, usa-se a preposição [a] para complemento objetivo e para complemento terminativo.

A diferença que se nota ao comparar-se a prescrição com o uso, no PB, é uma preferência pelo uso de [para] em complementos acusativos e dativos.

- (7) Porisso não lhe tenho mandado mais breve eu mando para vossamerce ou eu mesmo (PB 2^a XIX)
- (8) Remeto essas fruta para Vossa Senhoria não re_pare ser coisa tão insignificante é somentes humsinal de gratidão. eu desejo saber odia da sua partida para a Corte para eu ther o gosto de appertar-lhe a mão. (PB 2^a XIX)
- (9) Remeto asertidão do Vigario para oDoutor Rafael e esperode Vossa Senhoria fazer a[]lla alle desvallido para não hir para o Rio o Doutor Sebastião já foi para a[] emesseverão elle vai para o Rio. (PB 2^a XIX)

Observa-se que, tendo em conta as sincronias que compõem o estudo diacrônico aqui desenvolvido, o uso das preposições [a] e [para] no PE não apresenta variação em relação às normas vigentes no período. Já o PB apresenta variação em relação a essas normas.

Considerando esse fato e os vários estudos acima citados que apontam perfil de mudança para o uso dessas preposições, elaboraram-se duas hipóteses para o PB: (A) o fator tempo deverá mostrar um perfil descendente para o uso da preposição [a] nos contextos cliticizáveis e (B) preposição [a] deve ser encontrada, majoritariamente, em verbos de não movimento que possuem complementos com traço [+ pessoa].

Observaram-se três variáveis, duas internas e uma externa. A variável externa será o tempo que atua tanto na observação dos dados em cada sincronia quanto na observação dos dados diacronicamente. As variáveis tipo de verbo e traço [+pessoa] foram consideradas em conformidade com a observação feita por Marilza Oliveira (2007) de que, no século XIX, há uma frequência maior de uso da preposição [a] em complementos verbais dativos e acusativos quando apresentam o traço [+pessoa].

A variável tempo será responsável pela delimitação de sincronias e pela descrição do perfil da mudança diacrônica. Foram estabelecidos três períodos de tempo: 2ª metade do século XVIII, 1ª metade do século XIX e 2ª metade do século XIX.

A variável tipo de verbo subdivide-se em verbos que expressam movimento e verbos que não expressam movimento. Essa variável tem a função de determinar qual ambiente verbal propicia a entrada da inovação.

Na variável traço [+pessoa], consideraram-se os complementos que apresentam traço [+pessoa] e traço [-pessoa] a fim de confrontar os resultados deste trabalho aos de Oliveira (2007).

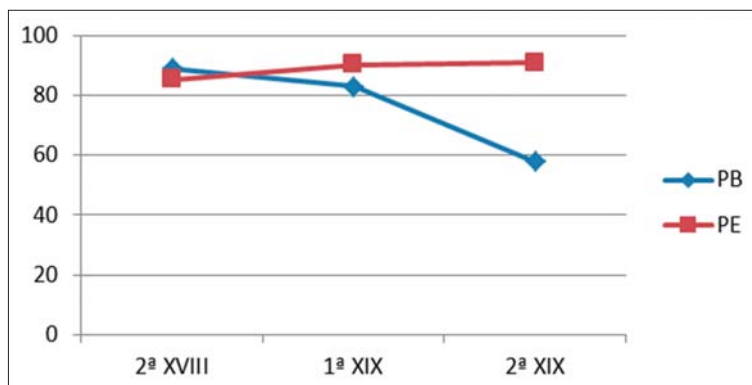
Tabela 1. Distribuição das preposições [a], nos três períodos de tempo, em cartas pessoais, no PB

	Nº	%	PR
2ª XVIII	43/48	89	0.61
1ª XIX	30/36	83	0.63
2ª XIX	20/34	58	0.23
Total	78/118	78	

Os pesos relativos dos três períodos de tempo observados mostram que há uma queda significativa no uso da preposição [a], ao longo do tempo. A probabilidade de ocorrência de tal preposição na segunda metade do século XVIII é de 0.61 e na segunda metade do século XIX é de 0.23. Ao se observar o mesmo recorte temporal na amostra do PE, tem-se o perfil em sentido oposto. Embora não seja possível gerar peso relativo na amostra do PE, pois não se trata de um caso de variação e mudança linguística, ao se observar as porcentagens, nota-se que há um aumento do uso da preposição [a] em complementos verbais cliticizáveis (PE: 2ª met. séc. XVIII, 85%; 1ª met. séc. XIX, 90%; 2ª met. séc. XIX, 91%; PB: 2ª met. séc. XVIII, 89%; 1ª met. séc. XIX, 83%; 2ª met. séc. XIX, 58%).

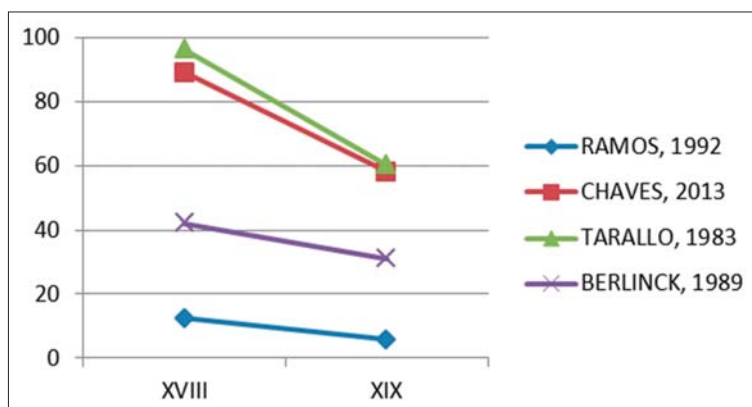
O Gráfico 1, a seguir, mostra a curva da mudança para o PB e para o PE.

Gráfico 1. Uso da preposição [a], no PB e no PE, ao longo do tempo



Esse gráfico mostra claramente o afastamento das duas gramáticas, esboçando um perfil muito próximo ao apresentado pelos trabalhos resenhados por Tarallo (1993). O Gráfico 2 torna mais evidente o encaixamento entre os fenômenos.

Gráfico 2. Comparação entre os estudos de Tarallo (1983), Berlinck (1989), Ramos (1992) e Chaves (2013)



Nesse gráfico é possível perceber que, embora a metodologia utilizada por Tarallo tenha sido criticada, os estudos por ele utilizados para obter resultados apresentam o mesmo perfil descendente que os resultados aqui apresentados como uma releitura de Chaves (2013).

Tabela 2. Distribuição da preposição [a], de acordo com o tipo de verbo, em cartas pessoais, no PB

	Nº	%	PR
Movimento	20/33	60	0.25
Não movimento	73/85	85	0.61
Total	78/118	78	

Ao se considerar o grupo tipo de verbo, verificou-se que a probabilidade de ocorrência da preposição [a] em complementos verbais ligados a verbos de movimento é de 0.25 e verbos de não movimento é de 0.61. Esse resultado aponta para a mesma direção que os resultados apresentados por Marilza Oliveira (2007). Quando se compara a frequência com que a preposição [a] é utilizada em complementos verbais, no PB e no PE, observando o tipo de verbo, tem-se uma diferença significativa. No PB, há preferência pelos verbos de não movimento (85%) sobre os verbos de movimento (60%). No PE, essa preferência se dilui um pouco, uma vez que as percentagens quase se equiparam para os verbos de movimento (86%) e os verbos de não movimento (90%).

Tabela 3. Distribuição da preposição [a], de acordo com o traço [+pessoa], em cartas pessoais, no PB

	Nº	%
[+pessoa]	92/114	80
[-pessoa]	1/4	25
Total	78/118	

Na Tabela 3, o peso relativo não foi apresentado por não ter sido considerado, pelo Goldvarb (2001), um fator relevante para a implementação da variante inovadora e para a diminuição do uso da variante canônica. No entanto, a frequência dos fatores do grupo traço [+pessoa] foi aqui considerada por ser a comparação entre esses resultados e o de Oliveira (2007) um dos objetivos deste trabalho. Pode-se notar que, de fato, a preposição [a] é mais frequente em complementos verbais que possuam o traço [+pessoa]. Esse perfil se mantém quando se observa o PE, a preposição [a] ocorre em 91% dos complementos verbais que possuem o traço [+pessoa] e em 50% nos complementos verbais que possuem o traço [-pessoa].

No entanto, também há que se considerar que se utilizou uma amostra composta por cartas pessoais do século XVIII e do século XIX. O cruzamento entre a variável tempo e a variável traço [+pessoa] torna-se necessário.

Tabela 4. Cruzamento dos fatores tempo e traço [+pessoa], em cartas pessoais, no PB, para preposição [a]

	2ª XVIII		1ª XIX		2ª XIX	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[+ pessoa]	42/47	89	30/35	86	20/32	62
[- pessoa]	1/1	100	0	0	0	0
Total	43/48	90	30/36	83	20/34	59

Tem-se, nessa Tabela 4, delineado um perfil de declínio do número de complementos verbais dativos introduzidos pela preposição [a] que tenham o traço [-pessoa]. Esse mesmo declínio se verifica nos complementos verbais dativos introduzidos pela preposição [a] que tenham o traço [+pessoa]. Ao se comparar esse resultado aos resultados obtidos para o PE, o perfil se mostra diferenciado. No PE, tem-se o aumento e não o de-

créscimo de complementos verbais dativos introduzidos pela preposição [a] que tenham os traços [-pessoa] (XVIII: 0%; XIX/ 1: 0%; XIX/ 2: 67%) e [+pessoa] (XVIII: 90%; XIX/ 1: 91%; XIX/ 2: 94%), ao longo do tempo. Esse resultado indica o contexto interno específico no qual se dá a mudança.

Considerações finais: respondendo às polêmicas

Castro (1996) e Oliveira (2005) nos fazem pensar se todos os estudos desenvolvidos, principalmente na década de 1980, aqui no Brasil, apresentam resultados inconsistentes para o estudo de mudança linguística. A aposta no rigor metodológico para diminuir o efeito negativo que possa ser gerado devido a uma má constituição de amostra nos parece válida, mas considerar que esses trabalhos não são capazes de esboçar resultados confiáveis nos parece um pouco extremado.

Ao se observar um fenômeno não abordado por Tarallo (1993), considerado aqui como ponto de partida para as discussões sobre metodologia e encontrar o mesmo perfil, reafirma-se a importância dos estudos desenvolvidos no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. O Gráfico 2 mostra claramente que, embora alguns aspectos metodológicos tenham sido acrescentados aos estudos sociolinguísticos para preencher lacunas deixadas por esses trabalhos, os trabalhos do referido autor e da geração que ele representa são confiáveis. E isso não quer dizer que o rigor metodológico adotado seja desnecessário. Ao não se estabelecer comparação entre dados de escrita e dados de fala, não considerá-los como um mesmo tipo de dado, ao considerarem-se as sincronias para a interpretação dos fenômenos e minimizarem-se os efeitos do *déficit filológico*, joga-se luz sobre a importância dos estudos descritivos.

Essa percepção não foi observada apenas neste trabalho. Trabalhos anteriores como Kato, Duarte, Cyrino e Berlinck (2006), Duarte (2007) e vários outros desenvolvidos no âmbito do *Para História do Português Brasileiro* também se dedicaram a contribuir com essas discussões sobre metodologia. O que difere este trabalho do de Kato, Duarte, Cyrino e Berlinck (2006) e Duarte (2007), por exemplo, é o fato de ter-se expandido o uso de novos recursos metodológicos para fenômenos distintos, ampliando a percepção de que o uso de dados de fala e de escrita sem distinção de tratamento e o *déficit filológico* considerados por Castro (1996) não propiciaram leitura equivocada sobre uso da língua portuguesa no Brasil nos séculos XVIII e XIX.

Também trabalhos como os de Pagotto (1992,1993), Ribeiro (1998), Carneiro (2005) contribuem para tratar da observação feita por Castro (1996) de que as evidências internas mostram que não se pode tomar o PE contemporâneo como parâmetro para o estudo da mudança gramatical do PB. É nesse sentido que Castro também questiona o tratamento dedicado aos dados do Português Clássico em relação aos do Português Contemporâneo. Fica evidente que o PE contemporâneo pode ser utilizado como ponto de partida para a distinção de gramáticas se considerado em sincronias equiparadas. Tendo em vista a máxima laboviana que preconiza que as mesmas forças que motivam a mudança do presente motivaram mudanças no passado, é possível investigar sincronias em estudos diacrônicos. No estudo comparativo de duas variedades de uma língua tem-se, contudo, que considerar sincronias equiparadas. Dessa forma, a comparação deve ser da gramática do PB com a gramática do PE no mesmo período de tempo.

Tendo isso em vista, gramáticas do PB e do PE começam a se diferenciar na 2ª metade do século XVIII, tornando-se distintas no século XIX, na escrita. Esse é o perfil delineado por Tarallo (1993, p. 99) que direciona para a sua afirmação de que apenas nesse período as condições sociais foram suficientes para que “a pena brasileira pudesse escorrer a própria tinta”.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Salvador Henrique de. *Compendio de Grammatica Portuguesa*. 12. ed. Rio de Janeiro: A. A. Lopes do Couto, 1874. 156 p.
- ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. *Ricos e pobres em Minas Gerais*. Produção e hierarquização social no mundo colonial, 1750-1822. Belo Horizonte: Argumentum, 2010. 263p.
- AMBAR, Manuela. Gouvernement et inversion dans les interrogatives qu- em Portugais. *Recherches Linguistics*, Paris, n. 16, p. 5-51, 1987.
- BERLINCK, Rosane de Andrade. *A ordem VS N no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Campinas: Unicamp, 1988.
- _____. A construção V SN no português do Brasil – um estudo diacrônico sobre o fenômeno da ordem. In: Fernando L. Tarallo (Org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 95-112.
- BISMUT, Roger. *Arte de Furtar*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novaes. *Cartas Brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico*. Campinas: Unicamp/IEL, 2005.
- CASTRO, Ivo. Para uma história do Português Clássico. *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1996. p. 135-150. v. II. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/1996_Portugus_Clsico.pdf>. Acesso em: 18 set. 2011.
- CHAVES, Elaine. *O surgimento do Português Brasileiro: mudanças linguísticas e mudanças tecnológicas no Brasil, séculos 18 e 19*. 2013. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- COELHO, Sueli Maria; PAULA, Thaís Franco de. Colocação pronominal nas Minas setecentistas. *Revista Alpha*, n. 12, p. 112-127, nov. 2011.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. São Paulo: PUC, 1986.
- _____. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil. *DELTA*, v. 8, n. especial, p. 37-52, p. 1992.
- _____. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos inovadores e conservadores na escrita padrão. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 89-115, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica/wp-content/uploads/2012/09/artigo-5-sujeitos-de-referencia-definida-e-arbitraria.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2010.
- _____. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. Rio de Janeiro: Parábola/ FAPERG, 2012.
- GALVES, Charlotte Marie Chambelland. V-movement, levels of representation and the structure of “S”. In: CHAO, W.; Horrocks, G. (Org.). *Levels of representation*. Dordrecht: Foris, 1990.

_____. Clitic-placement in European Portuguese: evidence for a non-homogeneous theory of enclisis. In: ANAIS WORKSHOP SOBRE O PORTUGUÊS, 1992, Lisboa: Depto.de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa, 1992. p. 61-80.

_____. Periodização e competição de gramáticas: o caso do português médio. In: LOBO, Tânia; CARNEIRO, Zenaide; RIBEIRO, Silvana; SOLEDADE, Juliana; ALMEIDA, Ariadne (Org.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 74-88. v. 1. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/pesquisa/artigos/GALVES_C-2010.pdf>. Acesso em: 5 set. 2011.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. GoldVarb X – a multivariate analysis application. 2001. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em: 20 out. 2011.

KATO, Mary; DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia; CYRINO, Sonia; BERLINCK, Rosane. Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra; MATTO E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos anos de história linguística no Brasil*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/Funcultura/Governo da Bahia, 2006. p. 413-438. ISBN: 85-232-0260-9.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Volume I: Internal factors (Language in Society 20). Oxford: Blackwell, 1994.

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, Winfred; MALKIEL, Yakov (Ed.). *Perspective an Historical Linguistic*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 79-82.

LOBATO, Antonio Jose dos Reis. *Arte da Gramática da Língua Portuguesa composta e offerecida ao Illmo e exmo Senhor Sebastião José de carvalho e Mello Conde de Oeiras*. Lisboa: Na Real Officina Typografica, 1770.

LOBO, Tânia. A História social linguística no Brasil no âmbito do “Projeto Para História do Português Brasileiro”. In: *Para a História do Português Brasileiro*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2010. p. 329-376. v. VIII.

OLIVEIRA, Bento José de. *Nova Grammatica Portuguesae*. 13. ed. Coimbra: Livraria de J. Augusto Orgel, 1880. 152 p.

OLIVEIRA, Marcos Antônio. Nem tudo que reluz é ouro: língua escrita e mudança linguística. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 8., n. 16, p. 165-175, 2005. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagdb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121017142002.pdf?PHPSESSID=6f68231162773639d99362597576a8e1>. Acesso em: 26 out. 2010.

OLIVEIRA, Marilza de. Complementos verbais introduzidos pela preposição ‘a’. In: RAMOS, Jânia M.; ALKMIM, Mônica G. R. (Org.). *Para História do Português Brasileiro*. v. 5: Estudos sobre mudança linguística e história social. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2007. p. 197-234.

PAGOTTO, Emilio G. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Campinas: Unicamp, 1992.

PAGOTTO, E. Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 185-206. (Coleção Repertórios).

PESSOA, Marlos de B. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinah (Org.). *Para a História do Português Brasileiro*. v. 4. Notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro: UFRJ/Faperj, 2002. p. 197-205.

RAMOS, Jânia /Martins. O emprego de preposições no português do Brasil. In: TARALLO, Fernando. *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes Editores, 1989. p. 83-93.

_____. *Teoria do Caso e mudança linguística: uma abordagem gerativo-variacionista*. Campinas: Unicamp, 1992.

RIBEIRO, Ilza. A mudança sintática do português brasileiro é uma mudança em relação a que gramática? In: CASTILHO, Ataliba (Org.). *Para História do Português Brasileiro*. v. 1: Primeiras Ideias. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 101-120.

SILVA, Vera Lúcia P. *Cartas Cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

TARALLO, Fernando. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Ph. D. dissertation. University of Pennsylvania, 1983.

_____. *The filling of gap: pro-drop rules in Brazilian Portuguese*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin's Publishing Co., 1985. p. 354-375.

_____. *Tempos Linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990. 208 p.

_____. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 69-102. (Coleção Repertórios).

TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. 332 p. (Coleção linguagem-crítica).

TRINDADE, Cônego Raimundo. *Velhos Troncos Ouropretanos*. São Paulo: Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", 1951.

_____. *Velhos Troncos Mineiros*. São Paulo: Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", 1955.